

**AS IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS  
E A CONSTRUÇÃO DO HUMOR:  
UMA ANÁLISE DE ENTREVISTAS  
DO PROGRAMA TELEVISIVO CQC**

*Maria da Penha Pereira Lins (UFES)*

[penhalins@terra.com.br](mailto:penhalins@terra.com.br)

*Roberta Rocha Reis (UFES)*

[robertahreis@hotmail.com](mailto:robertahreis@hotmail.com)

**1. Considerações iniciais**

Neste trabalho investigamos como se efetiva a transmissão de informações além da encontrada no sentido convencional do enunciado emitido pelo falante e como essa comunicação é utilizada na construção do humor nas entrevistas do programa CQC – Custe o que Custar, promovendo uma melhor compreensão do funcionamento da troca comunicativa nas relações interpessoais.

Como referencial teórico principal utilizamos os estudos de Grice (1975), que apresenta explicações lógicas e significantes para o exame destes fenômenos através de sua teoria inferencial das implicaturas conversacionais. Além disso, fizemos um apanhado geral sobre os principais estudos acerca do humor como suporte para a análise da construção do cômico no programa CQC, tendo como base, em especial, a teoria semântica do humor de Raskin (1985). Para a análise selecionamos um episódio do quadro “Proteste já!” do programa CQC exibido em 22 de março de 2010.

**2. O princípio da cooperação**

Grice (1982) estabelece a teoria inferencial das implicaturas, com a finalidade de explicar como em contextos específicos o falante consegue passar uma informação além do literalmente dito. Com esse objetivo, ele observa que, para que a conversação seja bem sucedida, os interlocutores devem cooperar um com o outro no discurso. A partir dessa observação ele formula o princípio da cooperação (PC): “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado.” (GRICE, 1982, p. 86).

Este princípio reúne em quatro categorias denominadas máximas conversacionais as regras que regem a conversação. São elas: 1) Máxima da quantidade: Faça sua contribuição tão informativa quanto for requerido (para o propósito corrente da conversação). Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido; 2) Máxima da qualidade: Não diga o que você acredite ser falso. Não diga senão aquilo para que você pode oferecer evidência; 3) Máxima da relação: Seja relevante; 4) Máxima do modo: Evite obscuridade de expressão. Evite ambiguidade. Seja breve. Seja ordenado.

O autor aponta que o falante pode violar qualquer uma das máximas propositalmente, com a intenção de transmitir um conteúdo informativo além do sentido literal do enunciado e faz isso contando com o ouvinte para sua dedução. Assim, quando há a violação aparente de uma máxima o ouvinte presume que a quebra foi consciente com esse propósito e realiza o processo de inferência do sentido não convencional, isto é, da implicatura conversacional.

Grice afirma que quando uma implicatura conversacional é gerada então o princípio da cooperação está sendo seguido e há comunicação efetiva de informações.

Para Lins (2002), a relação que se pode fazer entre os postulados de Grice e a questão do discurso do humor é que a noção de implicatura oferece explicações funcionais significantes para os enunciados linguísticos. Explica como é possível significar (em sentido geral) mais do que é literalmente expresso pelo sentido convencional das expressões linguísticas enunciadas. Como o discurso do humor tem como um dos elementos principais a linguagem verbal, a noção de implicatura se mostra de fundamental importância na interpretação do humor no interior do jogo linguístico.

### 3. A linguagem do humor

O humor tem sido tema de investigação de interesse de diversas áreas de conhecimento como a filosofia, a psicanálise e a linguística, com focalizações diferenciadas, tendo em vista o objetivo de cada uma dessas ciências.

No âmbito da linguística, pode-se citar Raskin (1985), que, em sua teoria semântica do humor, aponta que o princípio da cooperação proposto por Grice governa apenas o modo de comunicação *bona-fide*,

que seria uma forma de transmissão de informações mais graves, sérias. Segundo o autor, o discurso humorístico é veiculado através do modo *non-bona-fide* de comunicação regido por outros princípios básicos. Em sua teoria, o linguista propõe um método de análise do humor verbal baseado em *scripts* que seriam o acervo de informações internalizadas que o falante possui sobre determinada situação ou assunto.

Para Raskin o humor é construído através da sobreposição de *scripts* opostos, porém compatíveis. Os *scripts* devem apresentar as dicotomias real / não real, esperado / inesperado ou plausível / não plausível, assim o *script* oposto ao *script* inicial a que o ouvinte é direcionado portará sempre um sentido inusitado, e é essa surpresa que gera o riso.

Esse autor aponta que diferente de quando engajado no modo *bona-fide* de comunicação, o ouvinte, quando engajado no modo *non-bona-fide*, não espera que o falante seja verdadeiro e relevante nas informações fornecidas e sim que atenda às condições necessárias para que o enunciado seja engraçado e atinja o propósito final de fazer quem o escuta rir. Desta forma, muitas vezes o ouvinte percebe que se trata de um discurso humorístico quando o falante viola alguma das máximas, fazendo a sobreposição de *scripts*, e passa, em seguida, para o modo *non-bona-fide* de comunicação, entendendo o texto como de humor.

Em referência a esse fenômeno, Raskin (1985) fazendo um paralelo com o PC de Grice, formula um PC, direcionando as máximas para uma comunicação não *bona-fide*. Desse modo, as máximas do PC do humor ficaram assim formuladas: 1) Máxima da quantidade: Dê tanta informação quanto for necessário a uma piada; 2) Máxima da qualidade: Diga só o que for compatível com o mundo da piada; 3) Máxima da relação: Diga só o que for relevante à piada; 4) Máxima do modo: Conte a piada eficientemente. O autor afirma, em seguida, que, de acordo com esse novo PC, o ouvinte não espera que o falante conte a verdade ou lhe transmita uma informação relevante. Antes, ele percebe a intenção do falante de lhe fazer rir.

Também investigando a linguagem do humor, através da análise de textos de piadas, o linguista Possenti (1998) estuda os fatores linguísticos que promovem o riso. Para o autor, o discurso humorístico nesse tipo de texto é veiculado muitas vezes de forma oculta, operando com ambiguidades, sentidos indiretos, implícitos etc. Desta forma, o leitor deve desvendar os artifícios linguísticos utilizados, para compreender o sentido implícito ou alternativo.

No campo da psicanálise, Freud (1969) inicia os estudos sobre o humor através da teoria dos chistes e sua relação com o inconsciente. Para o autor, o chiste deriva do que é feio, da ênfase sobre o que está oculto ou não notado e, ainda, do que o outro faz de errado. Freud também cita estratégias como a condensação, o múltiplo uso do mesmo material, o duplo sentido e a contradição, como técnicas que provocam uma espécie de confusão na mente e que, quando solucionada pelo raciocínio, gera o efeito cômico.

Para o filósofo Bergson (1980) o homem ri de desvios e deformidades do outro, de tudo que foge do padrão considerado normal. Bergson aponta ainda que “O riso é verdadeiramente uma espécie de trote social, sempre um tanto humilhante para quem é objeto dele” (BERGSON, 1980, p. 72); desta forma, o riso pode ser usado como uma forma de punir e humilhar o objeto do riso.

O filólogo Propp (1992) afirma que o riso decorre dos defeitos, do que é contrário ao comumente considerado correto no mundo. O autor define em seu estudo o riso de zombaria que tem ligação com o satírico, com a intenção de ridicularizar algo desmascarando defeitos e incorreções. Propp afirma, ainda, que o riso de zombaria pode apresentar-se de diversas formas, “desde a risada ruidosa e fragorosa até o esgar maldoso e o sorriso sutil que mal se percebe.” (PROPP, 1992, p. 29).

#### **4. *As implicaturas conversacionais e a construção do humor CQC***

O CQC é um programa de televisão semelhante ao telejornal, porém apresenta uma abordagem humorística, criando situações e utilizando uma linguagem extremamente satírica. Um dos quadros de maior sucesso do programa é o *Proteste já!*, em que um apresentador mostra os mais variados problemas das comunidades, exigindo, em seguida, uma solução por parte das autoridades responsáveis.

No episódio desse programa, no quadro exibido em 22 de março de 2010, a produção do CQC fornece uma TV de plasma testada e em perfeito estado, para a secretária da educação da cidade de Barueri, em São Paulo, como doação para uma escola municipal. Através de um rastreador GPS instalado secretamente na televisão, descobre-se que a mesma foi desviada para a casa de uma funcionária da escola. Alguns meses, após a doação, os apresentadores Rafinha Bastos e Danilo Gentili, vão até o município tirar satisfação com os envolvidos.

Antes de recorrer às instituições responsáveis, Danilo Gentili, em conversa com o instalador do GPS na TV, Renato Penna, questiona a situação do objeto doado. Renato esclarece que, segundo o relatório do rastreador, conectado ao celular de Gentili, a televisão foi deixada na secretaria de educação no dia 21 de dezembro de 2009, sendo direcionada, após 7 horas, a outro endereço, permanecendo neste por três meses, sendo utilizada frequentemente. No diálogo que se segue, em tom irônico, Danilo exclama:

Danilo Gentili: – Ah, então, que bom saber que a nossa doação aí tá sendo muito bem aproveitada para essa escola aqui, não é?

Renato Penna: – Isso mesmo.

Danilo Gentili: – Olha só, e a molecada não tem férias né?

Renato Penna: – Não, segundo indica, eles estão estudando bastante.

Danilo Gentili: – De dia e de noite...

Renato Penna: – De dia e de noite.

Danilo Gentili: – Porque doamos a televisão em dezembro, já é fevereiro, e tão usando!

Renato Penna: – Tão usando bastante.

Danilo Gentili – Que maravilha! Olha só!

Nesse diálogo, podemos perceber que os interlocutores violam a primeira máxima da qualidade, fornecendo informações que ambos acreditam ser falsas. A quebra da máxima é feita, neste caso, através da figura de linguagem conhecida como ironia, isto é, dizendo o contrário do que se intenta dizer.

Assim, o telespectador percebe a violação da máxima e inicia o processo inferencial, buscando entender a verdadeira intenção por trás dos enunciados proferidos. Sabendo que de dezembro a fevereiro é período de férias nas escolas, e, também, que não costuma haver aulas em altas horas, o telespectador processa a implicatura de que a TV não está em uma escola, e sim em outro local e que está sendo utilizada por outras pessoas que não os alunos.

A construção do humor nesses enunciados ocorre devido à sobreposição de dois *scripts*, o dito e o implicado, opostos pela oposição não real e real, respectivamente. O teor humorístico do programa faz com que o telespectador esteja preparado para a linguagem cômica, e mude facilmente para o modo *non-bona-fide* de comunicação, ao perceber qualquer

violação das máximas. A graça decorre, então, neste caso, do duplo sentido e da contradição que geram a graça, ao serem solucionadas pelo ouvinte, provocando um riso sutil.

Após a observação do registro do GPS, Danilo Gentili se direciona a Secretária de Educação de Barueri para entrevistar o secretário responsável pelo destino das doações, Celso Furlan. Inicialmente, o secretário desconhece que a doação da TV de plasma foi feita pela produção do CQC assim como a instalação do GPS.

Danilo Gentili: – A pessoa que “tá” nos assistindo e quer fazer uma doação, a pessoa pode doar tranquila, vai chegar no destino certo, os alunos vão aproveitar da melhor forma possível...?

Celso Furlan: – Tudo o que doa aqui na hora a gente leva pra escola...

Danilo Gentili: – Na hora?

Celso Furlan: – Na hora. Não tem desvio e não tem escolha pra levar o bom e deixar só o ruim.

Danilo Gentili: – Então, além de ser rápido, não tem enrolação, sem desvio e sem enrolação?

Celso Furlan: – Sem desvio e sem enrolação e mostramos aonde “tá” o cidadão. Pode ir lá que “tá” lá.

O secretário, sem saber da situação, não percebe inicialmente que, na verdade, Gentili está sendo irônico em suas perguntas e afirmações. O telespectador, porém, percebe nas falas do apresentador a violação da primeira máxima da qualidade e consegue, com o conhecimento do contexto, calcular a implicatura conversacional. O que Gentili quer dizer, e não está inscrito no sentido literal de suas falas, é que a pessoa que quer fazer uma doação para as escolas de Barueri deve se preocupar, já que a secretaria de educação não é de confiança e desvia (ou permite desvios) dos objetos doados.

Mais uma vez o que ativa a mudança para o modo *non-bona-fide* aqui é a ironia, que faz a sobreposição de *scripts* opostos. A contradição irônica é utilizada pelo programa CQC de forma corrente para promover o riso do telespectador e veicular críticas que não poderiam ser feitas de forma explícita a autoridades. O riso provocado demonstra, assim, o entendimento desta crítica, de um assunto sério, veiculado de forma lúdica.

Em seguida Danilo diz ao secretário, de forma hipotética, que fez a doação de uma TV de plasma em Barueri e mostra a ele o vídeo do momento da doação. Através do vídeo, o secretário reconhece Ana Hele-

na de Oliveira, responsável pelo recebimento da doação. Ana Helena é chamada para questionamento, e a mesma e o secretário apresentam informações conflitantes, afirmando, por fim, não saber onde está a televisão no momento. Danilo então mostra o vídeo a Ana Helena, através de uma pequena TV, que entrega nas mãos da funcionária.

“Danilo Gentili: – Aqui é o momento da doação, “cê” segura aí...”

Assim que a funcionária segura a pequena TV, Danilo a retira de sua mão dizendo:

“Danilo Gentili: – Só que eu vou segurar essa televisão pra ela não correr o risco de parar em outro lugar. Deixa que eu seguro, fica melhor aqui na minha mão.”

Aqui Danilo viola a máxima de modo, comunicando-se de maneira obscura para implicar que a funcionária foi responsável pelo desvio da TV de plasma doada pelo CQC. Há na fala de Gentili a sobreposição de dois *scripts*: O da situação da pequena televisão presente no momento da fala, e a da televisão de plasma desviada. O recurso linguístico permite a brincadeira de desvendar o sentido implicado. O telespectador ri pelo prazer de solucionar algo que estava inicialmente configurado de forma confusa, atrás da obscuridade do enunciado. Contribui também para o efeito cômico, o fato de a implicatura gerada pelo enunciado de Gentili revelar um erro cometido pela entrevistada que, até então, estava oculto, visto que o homem ri dos desvios humanos, do que foge ao considerado correto pela sociedade (BERGSON, 1980).

O que nenhum dos entrevistados sabia era que o apresentador Rafinha Bastos estava naquele momento posicionado com Renato Penna, técnico do GPS, em frente à casa onde estava localizada a TV de plasma, segundo o rastreador. Após Danilo comentar sobre a TV com o secretário, Rafinha percebe uma movimentação na casa, de onde saem uma mulher falando ao celular e um homem transportando a TV de plasma para um carro. Após abordá-los e ser praticamente ignorado pelos dois, Rafinha aciona o alarme instalado na televisão e os segue de carro até a escola, onde o secretário afirmou que a TV estaria. Incomodados pela presença do CQC, os dois retornam para a casa com a televisão. Nesse momento Rafinha pergunta gritando:

“Rafinha Bastos: – “Que que cês” vão pra casa fazer o quê? ASSISTIR o quê agora?”

O que Rafinha quis dizer aqui é que eram os dois que estavam assistindo frequentemente a tv desviada, e só é possível compreender esse sentido com o conhecimento contextual. Para gerar a implicatura, Rafinha viola a máxima de modo, fazendo uma espécie de trocadilho: “fazer o quê?”, “assistir o quê?”, não se expressando claramente. Essa ambiguidade faz com que o sentido alternativo seja inferido pelo telespectador e o efeito humorístico seja gerado.

Após esse fato, os dois jovens seguem de volta para a escola seguidos por Rafinha e Danilo Gentili. Ao chegarem, descobre-se que a jovem em cuja casa a TV estava, Aline Dayse Nunes, é uma funcionária da escola. Questionada pelos apresentadores sobre o ocorrido, a representante da instituição Marli Izabel C. de Toledo, nega o desvio da TV e afirma que a televisão havia sido retirada pelo departamento da prefeitura para sintonização de canal. Segundo Aline, a televisão estava em sua casa, pois lá mora uma pessoa que trabalha na prefeitura e sintoniza televisão. Danilo Gentili, após ressaltar a simplicidade da operação de sintonizar a TV, diz em tom irônico:

Danilo Gentili: – Eu consigo sintonizar se trazer...

Aline Dayse: – Por que você não doou e não sintonizou então?

Danilo Gentili: – É porque tem um segredinho, eu tenho um segredinho, você precisa colocar a televisão numa superfície plana, pegar a tomada e enfiar na força e apertar o botão liga.

Em sua réplica, Danilo Gentili viola a máxima da relação afirmando algo aparentemente irrelevante para a pergunta de Aline, e. Em consequência disso, quebra também a máxima de modo “seja breve”, prolongando-se para implicar que a tarefa de sintonizar uma TV de plasma é muito rápida e simples, pondo em questão a justificativa da funcionária. O telespectador ri do delito da funcionária exposto e percebido através da implicatura conversacional. Destarte, o CQC usa o riso como uma forma de punir e humilhar os responsáveis pelo desvio da TV colocando-os em uma situação extremamente embaraçosa (BERGSON, 1980).

Alguns momentos depois Danilo pergunta à Rafinha se a televisão chegou. Sarcástico, Rafinha responde:

“Rafinha Bastos: – A televisão me parece que o PAPAÍ NOEL tá vindo aí...”



Nessa fala, Rafinha Bastos viola a máxima da qualidade ao se utilizar da linguagem metafórica, fazendo uma comparação entre o indivíduo que estava trazendo a TV e o papai Noel.

A compreensão da implicatura e a produção do humor neste caso dependem do conhecimento de mundo do telespectador. Ele deve conhecer a lenda do bom velhinho que traz presentes para as crianças na véspera do Natal. Assim é possível reconhecer que Rafinha compara ao papai Noel a pessoa que está trazendo a TV para a escola com a real intenção de ironizar o fato, implicando que esta pessoa de boa não tinha nada, já que havia roubado a TV e só a levou para o destino certo devido à investigação do CQC.

A TV chega à escola com o alarme ainda tocando e Danilo comenta sobressaltado:

Danilo Gentili: – Oh, mas não para de tocar né?

Marli Izabel: – O que será que acontece?

Danilo Gentili: – Acho que é caso de polícia.

A réplica de Gentili deixa os envolvidos assustados. Ele quebra a máxima da relação, fornecendo uma resposta aparentemente irrelevante para a pergunta da funcionária Marli. A implicatura gerada é a acusação dos envolvidos de cometer o furto da TV, já que roubo é assunto que somente a polícia resolve.

Com a situação resolvida e a televisão finalmente na escola, Danilo e Rafinha encerram o quadro. Essa matéria gerou grande polêmica por ter sido censurada pelo prefeito de Barueri Rubens Furlan (irmão do secretário da educação Celso Furlan) e só conseguiu liberação para ser exibida após uma semana. Há uma extensão do episódio, onde Gentili vai tirar satisfação com o prefeito do município acerca da censura da matéria.

## **5. Considerações finais**

No presente trabalho foi possível compreender por meio da teoria de Grice (1975), que há regras que regem a conversação e que o falante dispõe da violação das mesmas para produzir implicaturas conversacionais, ou seja, sentidos além dos veiculados de forma literal pelo enunciado.

A análise das entrevistas selecionadas permitiu notar que a violação das máximas conversacionais é um mecanismo linguístico muito utilizado pelos repórteres do CQC para provocar o riso no telespectador, pois permitem a sobreposição de *scripts* diferentes, porém compatíveis, produzindo enunciados que necessitam de serem deduzidos e calculados para que haja sua compreensão plena, e que construa a graça e o efeito cômico no ouvinte. Além disso, foi possível observar que os apresentadores aproveitam-se do fato de que as incorreções alheias provocam o riso, para expor os delitos dos entrevistados, e as implicaturas conversacionais transmitidas por meio das quebras das máximas permitem que estas críticas sejam feitas de maneira não explícita. A partir das críticas, de modo velado, percebe-se, ainda, a denúncia.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar. 1980.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. VIII, 1977.

GRICE, Paul H. Lógica e conversação. (Trad. João W. Geraldi). In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística* (vol. IV): Pragmática - Problemas, críticas, Perspectivas da Linguística. Campinas: UNICAMP. 1982.

LINS, Maria da Penha Pereira. *O humor em tiras de quadrinhos: uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda*. Vitória: Grafer, 2002.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

PROPP, Vladimir. *Comichidade e riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RASKIN, Victor. *Semantic mechanisms of humor*. Boston: D. Reidel Publishing Company, 1985.